

SENTIDOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL REVELADOS EM HISTÓRIAS DE VIDA DE ESTUDANTES DO PROEJA¹

*Meanings of Professional Education revealed In
Life Stories of PROEJA students*

OLIVEIRA, Jordane Lima Dias²

AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins³

RESUMO

O Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) foi criado objetivando promover a oferta da educação básica a jovens e adultos na Rede Federal de Educação, ao mesmo tempo em que tornou possível pensar a oferta de formação para o mundo do trabalho, com os princípios e concepções de uma formação humanista, integradora do trabalho, ciência e cultura. Mas é possível ainda integrar a essa concepção aspectos das histórias de vida, constituintes da existência e parte também da formação humana integral. Nesse sentido, o estudo objetivou investigar sentidos de formação profissional que emergem das Histórias de Vida de 14 estudantes do Curso Técnico Integrado em Aquicultura do Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Jovens e Adultos – PROEJA, ofertado no Instituto Federal de Pará, *Campus Tucuruí* como fundamento para uma proposta de formação. A metodologia adotada foi a História de Vida em quatro fases, com base em Josso (2010) e adaptadas: 1) Introdução à construção da História de Vida; 2) O “caminhar para si” como proposta de reflexão sobre a trajetória de vida e formação profissional; 3) O que minha História de Vida revela sobre a minha formação; e 4) Balanço do processo formativo. A entrevista narrativa em grupo foi a técnica empregada para a coleta das fontes. Para a análise, utilizou-se a Análise Interpretativa-Compreensiva em três tempos (SOUZA, 2006). Como resultados, sentidos de formação emergiram das narrativas dos estudantes perpassando as fases da infância, juventude, fase adulta, revelando experiências que contribuiram para o retorno à escola no Curso Técnico Integrado em Aquicultura.

Palavras-chave: PROEJA. Formação Profissional. História de Vida.

ABSTRACT

The Professional Education Integration Program with Basic Education in the Youth and Adult Education Modality (PROEJA) was created with the aim of promoting the provision of basic

1 A pesquisa apresenta os resultados de um estudo de mestrado intitulado “Formação Profissional: os sentidos que emergem das histórias de vida de discentes do PROEJA (2018-2020) e não recebeu apoio de órgãos de financiamento/fomento. A pesquisa apresentada foi aprovada no Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal do Amazonas – IFAM, Parecer n.º 3.318.810, de 10 de maio de 2019.

2 Doutoranda em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal do Amazonas, Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Amazonas, Licenciada em Letras pela Escola Superior Madre Celeste. É professora do Instituto Federal do Pará. E-mail: jordane.dias@ifpa.edu.br.

3 Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre em Ensino de Ciências Universidade do Estado do Amazonas. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Niteroiense de Educação Letras e Turismo. Professora permanente dos cursos de mestrado e doutorado em Ensino Tecnológico do IFAM. E-mail: rosa.azevedo@ifam.edu.br.

education to Youth and Adults in the Federal Education Network, at the same time that it made it possible to think about the offer of training for the world of work, with the principles and concepts of a humanist training, integrating work, science and culture. But it is still possible to integrate aspects of life stories into this conception, which are constituents of existence and also part of integral human formation. In this sense, the study aimed to investigate meanings of professional training that emerge from the Life Stories of 14 students of the Integrated Technical Course in Aquaculture of the National Program for the Integration of Basic Education with Professional Education in the Modality of Youth and Adults - PROEJA, offered at the Instituto Federal de Pará, Campus Tucuruí as a basis for a training proposal. The methodology adopted was the Life Story in four phases, based on Josso (2010) and adapted: 1) Introduction to the construction of the Life Story; 2) The “walk for oneself” as a proposal for reflection on the trajectory of life and professional training; 3) What my Life Story reveals about my education; and 4) Balance of the training process. The group narrative interview was the technique used to collect the sources. For the analysis, the Interpretive-Comprehensive Analysis was used in three stages (SOUZA, 2006). As a result, meanings of formation emerged from the students’ narratives, passing through the stages of childhood, youth, and adulthood, revealing experiences that contributed to the return to school in the Integrated Technical Course in Aquaculture.

Keywords: PROEJA. Professional Training. Life’s history.

INTRODUÇÃO

Ao longo da trajetória docente, muitos estudantes entram em nossas salas de aulas e saem delas e quando muito sabemos identificar apenas o seu nome. Não se abrem espaços para que se conheçam as motivações nas escolhas do curso, os objetivos pretendidos com a conclusão deste, ou a trajetória que envolve a história de vida dos estudantes. Há, sim, preocupações quanto ao programa, a ementa a ser terminada, o percentual da nota a ser alcançado ou fixa-se nas dificuldades que os alunos encontram em assuntos relacionados à área de conhecimento.

Quando falamos em Educação de Jovens e Adultos, os fatores ora citados se tornam ainda mais relevantes, pois vários autores e estudos apontam na EJA um campo marcado por características próprias, peculiaridades que, fundamentalmente, demandam investigações, intervenções e metodologias adaptadas. Mas que, na realidade, poucos são os projetos pedagógicos voltados às necessidades, tanto cognitivas, sociais, afetivas, vivenciais desses estudantes-trabalhadores e que já vivenciaram inúmeras trajetórias pessoais e escolares.

Observando essa realidade, vivenciada por nós, pesquisadores e docentes no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), buscamos no narrar de si, nas Histórias de Vida em formação (JOSSO, 2010), um campo fértil para a base de uma proposta formativa que favorecesse compreender quem eram esses estudantes, de onde vinham, que sentidos esses estudantes dão à formação profissional, haja vista que esses jovens chegam às instituições de ensino cheios de expectativas.

É nesse sentido que neste estudo descrevemos os resultados de uma pesquisa no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), vinculado ao Instituto Federal do Amazonas (IFAM), no qual investigamos os sentidos de formação profissional que emergem das Histórias de Vida de 14

estudantes inseridos no PROEJA do Instituto Federal de Pará, *Campus* Tucuruí como fundamento para uma proposta de formação.

No *Campus* Tucuruí, o Curso Técnico Integrado em Aquicultura passou a ser ofertado a partir de 2013, tendo nesse mesmo ano sua primeira turma. Esse é o único curso na modalidade EJA na referida instituição.

O interesse pela oferta da aquicultura se deu devido a região do Lago da Usina Hidrelétrica do município ter vocação natural para o cultivo de espécies aquáticas como peixes e camarões, o que faz com que essas atividades representem uma fonte de renda sustentável para os ribeirinhos habitantes do entorno (PPC, 2016).

O curso, oferecido inicialmente, para formar discentes no período de três anos e meio, com 100% da carga horária presencial, após a reformulação do primeiro Projeto Político Pedagógico, em 2016, passou a ter três anos de duração.

A forma de ingresso ocorre por meio de processo seletivo em duas etapas: análise documental, com questionário socioeconômico dos candidatos inscritos e entrevista. O requisito principal é o candidato ser egresso do Ensino Fundamental e que tenha interesse em obter, já na etapa final da Educação Básica, uma habilitação profissional.

Metodologicamente, para chegarmos aos sentidos de formação neste estudo, tornou-se imprescindível percorrer quatro fases propostas por Josso (2010), renomeadas em nosso percurso como: 1) Introdução à construção da História de Vida; 2) O “caminhar para si” como proposta de reflexão sobre a trajetória de vida e formação profissional; 3) O que minha História de Vida revela sobre a minha formação? e 4) Balanço do processo formativo.

O texto está dividido em quatro seções: na primeira, apresentamos o que as pesquisas até aqui relevam a respeito dos sentidos e significados da formação profissional para os estudantes do PROEJA e as contribuições do estudo desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

A segunda seção descreve as primeiras reflexões advindas das Histórias de Vida, no que se refere às memórias da fase compreendida como sendo a infância.

A terceira seção explicita as narrativas das fases de transição, compreendidas entre a adolescência e adulta dos estudantes, trazendo à tona as mudanças psicológicas e as escolhas afetivas dessas fases.

A quarta e última seção evidencia as experiências do retorno à escola, da Formação Profissional e os sentidos que o curso tem adquirido na vida dos estudantes do PROEJA.

A CONCEPÇÃO DO SENTIDO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO PROEJA

O Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA) fora lançado em 2005 e, em sua essência, oferece uma proposta de cursos integrados de elevação de escolaridade (fundamental ou média) e formação profissional (inicial ou técnica) na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (DI PIERRO; HADDAD, 2015). Posteriormente, em 2006, foi estendido a demais esferas, como a Rede Estadual, ONGs, Sistemas “S”, entre outras instituições.

Embora com dificuldades em sua gênese, supera a ideia suplência para com a EJA adotada em documentos anteriores, aquela que se ocupava em repor a escolaridade

perdida, propondo a concessão de um ensino de qualidade, com identidade própria e que possibilita o direito dessa parcela da população de seguir nos estudos e continuar a aprender (RÊSES; SILVA (2017).

Mas como de fato os estudantes têm recebido essa formação? Quais sentidos ela tem adquirido para esse público?

Pesquisas em âmbito nacional sobre PROEJA têm focado os significados dessa formação para os estudantes inseridos no referido programa. O estudo de Siqueira (2010) é um dos exemplos, pois o autor buscou compreender as trajetórias dos estudantes que retomaram os estudos após anos de interrupção e verificou como o PROEJA tem contribuído para a formação do sujeito cidadão. Segundo o autor, o programa tem um papel importante como política afirmativa, auxiliando na formação dos estudantes para o mundo do trabalho, o que aliado à formação cultural, contribui para o exercício pleno da cidadania.

Almeida (2011), ao pesquisar os trajetórias formativos dos sujeitos trabalhadores do PROEJA, compreendeu como a valorização dos saberes da experiência pode contribuir para os processos formativos dos estudantes e favorecer a autonomia, a criticidade e a criatividade. Ressaltou como resultados que as questões de interrupção escolar são marcas das Histórias de Vida; a necessidade de ajudar no sustento da família e o retorno à escola estão relacionados ao desejo de apoiar a família, ajudar e servir de exemplo aos filhos.

Em Bittencourt (2013) encontramos como objetivo de investigação analisar os significados da formação e inserção no mundo do trabalho para os jovens do PROEJA e os principais sentidos que emergiram da investigação foram: o trabalho perpassa a vida desses jovens desde a adolescência e a principal razão de retorno à escola é obter qualificação profissional.

Importante destacar da leitura e da análise das pesquisas citadas no âmbito do PROEJA quanto os resultados convergem no sentido da valorização das trajetórias e experiências desses educandos, ressaltando que eles têm um lugar, uma voz que precisa ser escutada e compreendida, colocando esses sujeitos num lugar de destaque em seu próprio processo educativo.

Em contribuição às investigações realizadas na temática até aqui, o estudo desenvolvido objetivou investigar os sentidos de formação profissional que emergem das Histórias de Vida de discentes inseridos no PROEJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, como fundamento para uma proposta de formação.

O conceito de sentido, assumido neste texto, é o de significação, com uma intenção ou fim determinado, partindo de um olhar fenomenológico do que emerge da percepção dos sujeitos (FREITAS *et al.* 2012). Nesse sentido, o estudo apresentará os significados, enquanto intencionalidade, aportados pelos participantes, quanto à formação no curso técnico que frequentam, tendo como base significações advindas dos seus contextos de vida, histórico-social, como um todo.

A pesquisa apresentou uma abordagem qualitativa (FLICK, 2013) e como procedimentos metodológicos, empregamos as etapas da História de Vida, na perspectiva da pesquisa-formação⁴ proposta por Josso (2010), a saber: introdução à

4 Baseados em Josso (2010) entendemos que a pesquisa-formação é pesquisa e, ao mesmo tempo, formação para os participantes, à medida que faz com que os autores produzam conhecimentos e se engajem num projeto que os institua como sujeitos de sua própria formação.

construção da narrativa de vida, elaboração da narrativa oral e escrita, compreensão e interpretação da narrativa escrita e balanço dos formadores e dos participantes. Para Josso (2010) a reflexão sobre as experiências formadoras é a base para a construção de um “projeto de si auto-orientado”. Em seu método de trabalho com os adultos utilizando Histórias de Vida, busca torná-los sujeitos mais conscientes de sua autonomia nos processos formativos, logo:

O que está em jogo nesse conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo de nossa vida, mas sim tomar consciência de que esse reconhecimento de si como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo, conforme as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida [...] na base de uma auto-orientação possível [...]. (JOSSO, 2010, p. 84).

As etapas elencadas pela autora foram renomeadas em nosso estudo, conforme os objetivos de formação planejados e desenvolvidas em 6 encontros: 1) Introdução à construção da História de vida; 2) O “caminhar para si” como proposta de reflexão sobre a trajetória de vida e formação profissional; 3) O Que Minha História de Vida revela sobre a minha formação? e 4) Balanço do processo formativo.

Em estudo anterior, Oliveira e Azevedo (2020) demonstraram que a formação profissional pode ser repensada na perspectiva da pesquisa-formação, a partir de uma proposta formativa com base nas quatro fases descritas em Josso (2010), como requisitos para um trabalho com Histórias de Vida; além disso, evidenciaram como esse trabalho aguçou o olhar dos estudantes para a sua formação no Curso Técnico em Aquicultura no PROEJA.

Os participantes da pesquisa foram 14 discentes do Curso Técnico Integrado em Aquicultura do *Campus* Tucuruí do Instituto Federal do Pará. São estudantes com perfis heterogêneos, percebidos desde o ingresso no curso, pois, apesar de o requisito principal ser o de contemplar egressos do Ensino Fundamental, o perfil dos ingressantes também tem contemplado egressos do Ensino Médio, que buscam refazer o curso seja para complementar as lacunas da formação anterior seja pela parte técnica oferecida. Dessa forma, há a formação de turmas com egressos do ensino fundamental, perfil esperado para o curso, e do ensino médio, convivendo durante as atividades educativas.

Esse fato não ocorre somente no *Campus* Tucuruí, como ofertante dessa modalidade de ensino, mas foi relatado também em Moura e Henrique (2012), quando afirmaram ser esta uma distorção em relação ao PROEJA, que sinaliza que os processos seletivos para ingresso podem estar priorizando os conhecimentos dos candidatos, excluindo precisamente o público-alvo do Programa que necessita da elevação da escolaridade – objetivo central do PROEJA.

Em relação aos níveis dos participantes que aceitaram colaborar com a pesquisa, são alunos de séries distintas: sendo 2 discentes do 3.º ano, 8 do 4.º ano e 4 discentes matriculados na disciplina de orientação para conclusão do curso, denominada de Projeto Integrador. Desses, 10 são do sexo feminino (um que se identifica como transexual) e 4 do sexo masculino.

Utilizamos como técnica para a coleta das fontes a Entrevista Narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 93), a fim de “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível”. Como instrumentos para a construção de dados, utilizamos gravações em áudio e vídeo, narrativas escritas e notas de campo.

Durante os encontros para as entrevistas narrativas, questões norteadoras foram utilizadas, a fim de motivar os estudantes a contarem de si e revelarem as trajetórias de cada etapa de vida, o retorno à escola, a busca por formação profissional e a escolha do curso técnico.

Após a coleta das fontes, os registros das gravações foram transcritos e avaliados com embasamento em Souza (2006), o qual utiliza a análise de Histórias de Vida nos tempos I, II e III da Análise Compreensiva-interpretativa. No primeiro tempo, concebemos um perfil biográfico dos participantes, os quais receberam nomes fictícios devido às questões éticas da pesquisa. O objetivo desta primeira análise, segundo Souza (2014, p. 43), é “apreender marcas singulares, regularidades e irregularidades do conjunto das histórias de vida-formação”. Assim, trazemos um pouco do perfil biográfico compreendido:

Luana tem 48 anos, divorciada, mãe de um filho e tem dois netos. Nasceu em Cametá, interior do Pará, local onde viveu até os 13 anos de idade. Filha de pescadores e com poucos recursos disponíveis no interior, quando criança ela estudou até a 4.^a série do Ensino Fundamental. Luana migrou para Tucuruí, vindo morar na casa de uma irmã e, assim, concluir o Ensino Fundamental.

Maria Dominga tem 42 anos, é casada, vem do interior de Cametá, conhecido como Juba. É mãe de dois filhos. Aos 9 anos de idade veio para a casa de uma tia que morava em Tucuruí para estudar. Em Tucuruí, ela estudou até o primeiro ano do Ensino Médio, depois se casou e voltou a morar no interior de Cametá, próximo à família do esposo. Há 15 anos atua no setor pesqueiro, interessou-se pelo Curso Técnico em Aquicultura.

Carolina tem 37 anos, nasceu em Tucuruí e é casada. Foi mãe de sua primeira filha aos 15 anos. A menina nasceu com paralisia cerebral. Teve mais duas filhas e dedicou boa parte de sua vida à criação delas. Conseguiu terminar o Ensino Médio com muitas dificuldades. Desde então ficou afastada dos estudos por 15 anos.

Rodrigo tem 43 anos, é o caçula de uma família com 10 irmãos. O pai era pescador e a mãe dona de casa. Nascido no interior de Cametá, desde muito cedo ajudava o pai no ofício de pescador e na coleta de açaí, uma das principais atividades do interior de Cametá. Estudou até a 4.^a. Completou o 2.^o grau em um projeto chamado Vento Norte. Com a escassez de peixes no município de Cametá, veio para Tucuruí.

João tem 55 anos e é divorciado. Também nasceu no interior de Cametá, onde estudou até a 4.^a série. Na juventude realizou outros ofícios: mexeu com serraria e dirigiu barco no trajeto Cametá-Belém. Matriculou-se em um curso no SENAI e obteve alguns certificados na área de mecânica, mas não chegou a concluir o Ensino Fundamental. Depois que casou, fez o Ensino Fundamental, mas não continuou a estudar. Montou a própria oficina e desde então trabalha por conta própria.

Lúcia tem 44 anos, casada, é mãe de três filhos. É do interior de Cametá e lá estudou até a 4.^a série. Mudou-se para Mocajuba e estudou a 5.^a e a 6.^a série. Quando chegou à 7.^a série, retornou a Cametá. Na 8.^a série mudou-se de novo, dessa vez, para Belém. cursou até o primeiro ano do Ensino Médio na capital do Estado. Quando se casou veio para Tucuruí, onde permanece até hoje. Conseguiu terminar o Ensino Médio, mas nunca trabalhou.

Marcela é natural de Tucuruí. Casada, tem 31 anos e é mãe de 2 filhos. O esposo é engenheiro e outros parentes já possuem diploma de curso superior. Em 2010 finalizou o Ensino Médio e começou um curso superior, contudo não se identificou com a área e desistiu.

Andreia tem 40 anos e é casada. Filha de lavradores nasceu no interior de Cametá e estudou até a 4.^a série no interior. Foi para a cidade quando sua mãe ganhou um terreno e construiu uma casa. Assim, pôde continuar os estudos. Ao completar 14 anos, ingressou no primeiro ano no SENAI, mas logo engravidou, abandonou os estudos e se casou. Durante a construção da Usina Hidrelétrica, mudou-se para Tucuruí.

Django nasceu em Brasília, DF, tem 34 anos e trabalha na Prefeitura Municipal de Tucuruí como gari. Veio para este município aos nove anos e ficou morando na casa da avó. Terminou o Ensino Fundamental. Cursou o Ensino Médio ao mesmo tempo em que trabalhava em uma empresa que prestava serviço na Usina Hidrelétrica.

Luísa nasceu em Imperatriz, no Maranhão, e é uma jovem mãe. Com 22 anos de idade, desde os 15 reside em Breu Branco, município que fica a 10 km de Tucuruí. Nesse município concluiu o Ensino Fundamental. Retornou a sua cidade natal e cursou o 1.º ano do Ensino Médio e iniciou um Curso Técnico em Enfermagem. Entretanto, concluiu e retornou a Breu Branco. De volta, casou-se e teve seu primeiro filho. Retomou seus estudos no IFPA.

Isabely tem 32 anos, tem 2 filhas e nasceu em Tucuruí. Chegou a residir na capital, Belém, dos 6 aos 13 anos de idade, quando voltou a sua cidade natal. Por 13 anos esteve longe dos estudos.

Tom se diz “filho de Tucuruí”. Aos 34 anos, é casado e tem filhos. Vem de uma família humilde, com 4 irmãos. Desde os 16 anos precisou trabalhar e nunca parou. Concluiu o Ensino Fundamental, mas não tinha o Ensino Médio.

Marta nasceu em Araguatins, no Tocantins, tem 50 anos e é filha única. Foi criada na roça, na beira de rio. Começou a trabalhar aos 7 anos, ajudando os pais na roça, mas ela gostava. Cedo casou-se e teve 2 filhos. Com o falecimento do primeiro esposo, casou-se novamente e teve mais 2 filhos. Veio para Tucuruí, onde conseguiu terminar o Ensino Médio.

Samara decidiu retornar os estudos para concluir o curso técnico. Nasceu Tucuruí, mas sua família tem origens em Cametá. Eram 5 irmãos, mas perdeu uma irmã em 2012. É transexual e teve uma infância difícil com o pai que a maltratava fisicamente. Tem o Ensino Médio completo desde 2012.

A leitura do Tempo I possibilitou a apreensão das unidades de análise temáticas ou descritivas para o Tempo II, agrupadas em lugares, tempos e experiências surgidas da leitura cruzada das narrativas. No tempo III, enfim, evidenciamos “os sentidos que cada sujeito atribui a sua vida ao narrar suas lembranças” (SOUZA, 2006, p 83).

Apartir dos objetivos de pesquisa, explicitamos as experiências de vida que se relacionavam com a formação dos sujeitos em suas diversas fases e nas relações com a escola até a chegada no Curso Técnico Integrado em Aquicultura na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. Precedemos, dessa forma, a seguinte categorização: 1) memórias sobre a infância; 2) êxodo, perspectivas educativas e juventudes; e 3) formação profissional: mudança de vida, realização pessoal/profissional e projetos de vida.

Nas próximas seções, faremos uma síntese de cada um dos sentidos de formação emergidos das Histórias de Vida dos discentes participantes da pesquisa.

INFÂNCIA E AS MEMÓRIAS DOS ESTUDANTES

Na busca pelos sentidos da formação profissional para os estudantes do PROEJA por meio de Histórias de Vida, as memórias sobre a infância foram fortemente reconstruídas e partilhadas, relevando aspectos familiares, de apego ao lugar onde viveram essa fase de suas vidas, trabalho e escolarização.

Dentro do universo singular e plural de cada um, constituíram o núcleo familiar pai, mãe, irmãos, avós e tios conforme se desenrolavam os acontecimentos do itinerário de vida descritos nas narrativas. De acordo com Dominicé (2010, p. 87), embora os personagens se repitam “as histórias de vida nunca são as mesmas” e todos os que são citados fazem parte do processo de formação, enfatizando os pais, que são objeto de memórias muito vivas. É assim que Tom e Carolina trazem em seus relatos um pouco do seu convívio familiar na infância:

Na época só meu pai trabalhava e minha mãe cuidava de nós em casa. Dava para comer e vestir. Éramos todos felizes, na simplicidade, no amor um com o outro. (Tom).

[...] Fui criada por minha mãe com ajuda do meu querido avô, M. M. C.; sou a quarta de sete irmãos. Fui criada com muitas dificuldades, mas nunca passamos fome. Foi uma criação difícil, mas boa. (Carolina).

Os participantes prosseguiram suas narrativas com referências aos lugares onde viveram e as brincadeiras que se tinham à época. Importa-nos ressaltar, apoiados em Bosi (1979, p. 17), que essas imagens são apenas releituras do passado: “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. Assim, Lúcia evocou memórias do seu lugar de origem, Cametá, lugar este que fora obrigada a deixar, mas que guardou com saudosismo as experiências ali vivenciadas, como o preparo do café matinal, a busca pela subsistência e o alimento do dia a dia:

Com o cheiro do café que saía do fogão a lenha e minha mãe o coando, eu acordava. Também ouvia os passos do meu pai que chegava do rio com muitos peixes e camarões. Que alegria era para todos nós! Minha mãe fazia o fogo no chão para fritar os camarões porque eram latas e latas dos mariscos deliciosos, muita fartura, graças a Deus! Depois do café, eu e minha prima íamos tirar o açaí do pé para o almoço e o jantar, era feito tudo manualmente. Naquela época usava-se uma bacia feita de barro chamada “alguidar” e era amassado o açaí com as mãos, coado em uma peneira de fibra tirada da palmeira. (Lúcia).

Para outros participantes, mesmo em tenra idade, esta época foi marcada pelas responsabilidades laborais. É o caso de Rodrigo e Django:

[...] no entorno de Cametá a gente não tem infância, a gente começa a trabalhar desde muito cedo e perde aquela infância de brincar. Desde muito cedo a gente começa a ajudar o pai, até porque a família é muito numerosa: lá em casa nós éramos dez, nove mulheres e um homem. [...] (Rodrigo).

Eu sempre trabalhei, desde os 11, 12 anos vendendo chopp, açaí, sempre me virei em questão de trabalho. O estudo já era mais complicado. Meu pai nunca ajudou e eu tive que me virar. Comecei vendendo chopp, pastel, açaí, depois vigiar carro na porta de supermercados, levar compras. Comecei a vender picolé, arranjei um serviço lavando motos e lavando carros...Ou seja, sempre trabalhando. (Django)

Como podemos inferir, a infância de Rodrigo e Django estiveram marcadas por circunstâncias de trabalho para suas próprias subsistências e do núcleo familiar mais direto. Em geral, situações semelhantes são vivenciadas por estudantes de classes desfavorecidas economicamente, caso de muitos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (BITTENCOURTT, 2013), em que precocemente deixam de desfrutar a infância e a adolescência para executar tarefas que auxiliem no sustento familiar e, devido a isso, os estudos tendem a permanecer em segundo plano.

As vivências escolares também constituíram as narrativas dos participantes e demonstraram dificuldades quanto ao acesso, à qualidade oferecida e às limitações quando se atinge determinado nível de série escolar a depender do local onde se reside na infância:

O estudo em Cametá é muito difícil. Eu andava duas horas no campo cheio de árvore pra estudar. Saía de casa 6 horas da manhã pra chegar 8 horas. Saía meio-dia pra chegar 2 horas de volta em casa[...] tinha parte que tinha que tirar a roupa e botar na cabeça para atravessar, desse jeito... Estudei os quatro anos, estudei até a quarta série, mas não tem um que comprove que a gente estudou. (João).

Lá onde a gente morava não tinha acesso aos **estudos**, era muito distante, família de numerosos filhos... Quando um tinha a oportunidade, o outro não podia, porque tinha que trabalhar, sustentar a família, e assim fomos vivendo...(Andreia)

Para quem mora no interior a gente não tem assim aquela oportunidade, mesmo que a gente tenha aquela força de vontade de querer **estudar**, de querer ser alguém, mas muita coisa impede, dificuldades impedem que a gente consiga ir adiante, consiga realizar os sonhos da gente. Eu sempre fui aquela pessoa que sempre quis **estudar** e quando a minha tia foi passear em Cametá e eu sempre fui assim, inteligente, aí ela observando, ela falou: “Gente, essa menina tem assim uma inteligência que vocês estão perdendo ela aqui no interior! Podia levar ela pra cidade”. (Maria Dominga).

As experiências da infância evocadas ao contexto da formação profissional evidenciaram que não há como dissociar as experiências que instituíram o passado com a formação no presente e foram formadoras para os participantes, além de contribuir para compor as identidades e subjetividades dos participantes. Logo, passemos às próximas experiências, narradas na juventude, fase situada entre a infância e a vida adulta (WEISHEIMER, 2009, p. 53 *apud* KUMMER; COLOGNESE, 2013).

AS PERSPECTIVAS DE VIDA NA FASE DA JUVENTUDE

Na fase compreendida entre a adolescência e a juventude, os participantes descreveram experiências de êxodo em busca de melhores condições de vida e escolarização, tendo em vista as limitações do lugar de origem. Nessa perspectiva, os relatos apresentaram mudanças do espaço geográfico do interior para a cidade, como também novos papéis sociais, pois a partir da adolescência, surgiram outras responsabilidades.

Souza (2006) explica como sendo um fenômeno pertinente principalmente à classe popular, em que os pais, em geral os que não obtiveram escolaridade, veem na dos filhos a possibilidade de ascensão social, levando-os, muitas vezes, a realizar sacrifícios e mudanças de espaço geográfico em busca de melhores postos de trabalho e possibilidade de inserção no sistema regular de ensino. Andreia, Lúcia, e Rodrigo experienciaram tais itinerâncias:

Quando foi um belo dia, em época de política, minha mãe conseguiu um terreno na cidade; em troca do voto, ganhava um pedaço de chão. Foi o que a minha mãe fez pra gente poder vir pra cidade estudar. No interior era só até a 4.^a série. (Andreia).

Infelizmente, nessa época lá só tinha até a 4.^a série e eu amava estudar. Então fui morar com meus tios na cidade para continuar os estudos. Foi muito difícil pra mim, chorava muito com saudades de casa, dos meus pais, mas quando chegavam as férias ia correndo pra lá. (Lúcia).

Escola naquela época era privilégio para poucos, para mim e minhas irmãs era muito difícil, e na localidade onde morávamos só havia até a 4.^a série do primário. Estudo maior só na cidade mais próxima e dependia de transporte e meus pais não tinham condições. Nossa diversão era ir à igreja. Assim, concluí a 4.^a série. (Rodrigo).

Nesta fase também são relatados os relacionamentos afetivos, o casamento precoce e a gravidez na adolescência, que poderá ou não influenciar na continuidade dos estudos, a depender de fatores diversos: apoio familiar, necessidade de trabalhar, dedicação ao casamento entre outros. Na pesquisa de Taylor *et al.* (2015), a respeito do casamento na infância e adolescência no Pará e Maranhão, os resultados mostraram que as motivações para o matrimônio na adolescência se dão por inúmeras razões: o desejo

por parte das meninas e/ou membros da família de obter segurança financeira, uma expressão da agência das meninas e/ou um desejo de saírem da casa de seus pais.

De acordo com os autores, a gravidez na adolescência pode ser o motivo ou a consequência da união precoce, além de possibilitar atrasos e desafios educacionais, limitações à mobilidade econômica e às redes sociais das meninas, principalmente porque as expectativas de independência são frustradas. Entre os participantes, essas questões foram pontuadas nas Histórias de Vida:

Eu parei de estudar muito nova, porque eu fui mãe adolescente, fui mãe aos 15 anos e a minha primeira filha nasceu com paralisia cerebral. Eu ainda tentei estudar, tentei terminar o Ensino Médio, ela era pequena, não deu muito certo porque ela precisava de mim, mas ainda consegui terminar. (Carolina).

Com 17 anos conheci um rapaz e gostei, acabei engravidando. Foi muito difícil pra eu ter engravidado naquela idade. Parei de estudar para cuidar do meu filho, porque não tinha o apoio nem do próprio pai da criança, então decidi cuidar sozinha do filho e larguei o estudo por vários anos. (Luana).

Tive meu primeiro filho aos 14 anos. Parei de estudar de novo. Cuidei e trabalhei em casas de família. Pensava: não quero mais isso para a minha vida. Nessa época meu esposo veio para Tucuruí, conseguiu um emprego na Camargo Correia, eu voltei a estudar e meu filho ficava com minha mãe. Eu não queria mais trabalhar em casa de família. (Andreia).

Ao retornar ao Pará, conheci meu marido, namoramos, noivamos, logo casamos. Retornei à escola para dar continuidade aos estudos. Mas no 4.º mês de casamento descobri a minha gravidez. Prossegui com os estudos até o mês do nascimento do bebê e então parei de estudar para cuidar dele. (Luísa).

Lá está eu, grávida, peguei e entrei mais em desespero, que é você ter um filho no interior. Eu já pensava assim: Meu Deus, o que eu já passei, eu não quero pra os meus filhos, eu quero o melhor pros meus filhos e vem aquela ficha... Eu decidi em mim mesma: "Eu vou ter que tomar outro rumo na vida [...]". Quando o A. estava com um ano e o W. iria fazer um ano também, aí eu me matriculei... Que era a minha vontade: escola, estudar. Me matriculei no SENAI, consegui fazer uma prova. Mas não obtive sucesso, porque os meninos eram pequenos e a menina que ficava com eles depois descobri que não cuidava direito. Aí eu resolvi priorizar os filhos. (Maria Dominga).

Destacamos, porém, que para alguns estudantes nessas condições, como trouxe a fala de Andreia, a determinação em continuar ou voltar a estudar depende do desejo de mudar de vida, como corroborou Pantoja (2003) ao realizar uma investigação com adolescentes em situação de gravidez de uma escola da Rede Pública Estadual de Ensino do Pará, em que a maternidade para algumas adolescentes constituiu um estímulo para a mudança social, com o propósito de garantir melhores condições para os seus filhos.

Por fim, vejamos o que as os relatos evidenciaram em relação ao Curso Técnico Integrado na modalidade de Jovens e Adultos.

O RETORNO À ESCOLA E OS SENTIDOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Nas Histórias de Vida dos discentes do PROEJA, ao nos referirmos à formação profissional, foi evidenciado que esta formação está relacionada à possível mudança de vida que o curso provoca, pela recuperação de valores psicológicos, afetivos e sociais que a escolarização proporciona. Tais mudanças adquiridas no retorno à escola, reforçam o comprometimento que as instituições que ofertam a educação profissional precisam firmar para com os estudantes do PROEJA, que é o compromisso

de reinserir socialmente tais estudantes, não apenas no campo profissional, mas de satisfazer outras necessidades individuais e/ou coletivas (MOURA, 2008). Podemos perceber essas mudanças nos trechos das falas de Carolina e Isabely, as quais buscaram o curso em momentos de fragilidade psicológica:

A minha chegada no IFPA foi depois de algumas perdas, pessoas que amo muito. [...]. Eu estava em um momento de angústia, passando por muitas dificuldades para superar a perda deles, perdi mais pessoas na minha vida [...]. Eu já estava em uma depressão, quando vi um anúncio que havia vagas em um curso de Aquicultura. [...] Quando comecei o curso, não tinha noção do que era a Aquicultura. Hoje eu aprendi a amar esse curso e, ainda mais, não parar de buscar aprender cada dia mais. Vejo que um simples anúncio mudou a minha vida. Obrigada, IFPA, por poder falar um pouco sobre isso. (Carolina).

Com o tempo eu comecei a viver com depressão [...]. Passava o dia inteiro dormindo, a noite toda acordada [...]. Até que eu conheci uma pessoa que me incentivou a estar aqui dentro. Eu já estava há treze anos sem estudar e tive que voltar de novo. Eu já tinha o Ensino Médio. Fui criando amizades, criando vínculos mais fortes dentro da escola e a gente ajuda um ao outro [...]. Foi quando eu conheci o prof. L. e ele me chamou para tocar na banda de música. Eu nunca tinha pegado em um instrumento na minha vida. Comecei a vir todo dia, ensaiando. Aquilo começou a tirar um vazio de dentro de mim, pois eu ficava ocupada com o meu curso, ocupada com a música. Isso foi algo muito bom, tanto a parte da música, quanto da Aquicultura. (Isabely).

Ao especificarem a escolha do Curso Técnico Integrado em Aquicultura, do qual fazem parte, expressaram sentidos de realizações pessoais, indo além de simples certificação. As realizações apontaram para objetivos que vão além da visão imediata do mercado de trabalho, que poderia ser a principal finalidade do público ao buscar o curso, envolvendo outros sentimentos, como “querer”, “desejar”, “pensar um pouco em si” proporcionados pelas experiências do curso:

Pra mim, terminar esse curso é realização de um sonho, é assim, uma coisa que eu não consigo nem descrever na realidade... É uma coisa que eu quero, que eu gosto, e sem falar nas dificuldades que já passei pra estar hoje nesse curso, e confesso que não é fácil pra mim estar aqui. [...]Hoje eu priorizei o meu curso. É um sonho que eu estou realizando. (Maria Dominga).

A princípio não queria, mas depois pensei bem e falei: meus filhos já estão criados, o pior momento já passou, vou pensar um pouco em mim e quem sabe não realizo aquele sonho que está adormecido. O PROEJA Aquicultura reproduz a realização de um sonho, estudar no IFPA foi tudo de maravilhoso, aprendi muito, tudo era diferente, tudo novo, professores maravilhosos, só tenho que agradecer por tudo. (Lúcia).

Eu aprendi muitas coisas aqui, conheci muitas pessoas, professores, coordenadores, viajei. Uma das coisas que eu sempre quis fazer era conhecer o mar. Conheci em Bragança, na turma que eu entrei, a gente viajou e eu realizei vários sonhos. (Samara).

Realizar-se profissionalmente também foi um dos sentidos compreendidos nas narrativas dos participantes:

Trabalhei com duas técnicas formadas aqui pelo IFPA. Elas retiravam dos tanques alevinos de tambaqui, de pirarucu, e colocavam no isopor, caixas d'água, e levávamos para as vicinais. Elas iam me ensinando... Eu achava muito interessante. Elas diziam que no IFPA tinha o Curso Técnico em Aquicultura e diziam para eu me inscrever no curso. Um dia, conheci a R. O marido dela também trabalhava no bosque. Elas me avisaram, eu me inscrevi e fiz a entrevista com a M. e a B. e me interessei. Comecei a conhecer algumas coisas. Espero me profissionalizar e ensinar outras pessoas também. (Marta).

Pra mim, não é ter o certificado, isso é o de menos. Eu quero ser uma profissional pela qualidade, alguém vai chegar e vai me indicar porque eu sei... Pra mim todos irão sair com o certificado daqui, mas quero que lembrem o meu nome pelo meu profissionalismo. Então é isso que eu quero: sair daqui como profissional. Creio que eu estou conseguindo. (Luísa).

Para aqueles que já exerciam tarefas relacionadas à pesca artesanal, o curso adquiriu sentidos de realização profissional e aproveitamento prático dos conhecimentos adquiridos em prol da sua própria comunidade, visto que os conhecimentos que tinham não eram suficientes. Dessa forma, buscar o aprimoramento no curso e a formação em nível médio foi um dos objetivos dos participantes. É o que percebemos nas falas de Marta e de Rodrigo:

Trabalhei com duas técnicas formadas aqui pelo IFPA. Elas retiravam dos tanques alevinos de tambaqui, de pirarucu, e colocavam no isopor, caixas d'água, e levávamos para as vicinais. Elas iam me ensinando... Eu achava muito interessante. Elas diziam que no IFPA tinha o Curso Técnico em Aquicultura e diziam para eu me inscrever no curso. Um dia, conheci a R. O marido dela também trabalhava no bosque. Elas me avisaram, eu me inscrevi e fiz a entrevista com a M. e a B. e me interessei. Comecei a conhecer algumas coisas. Espero me profissionalizar e ensinar outras pessoas também (Marta)

Em 2003 eu vim pra cá com a intenção de me envolver na pescaria, aí aconteceu aqui, em 2005, nós estávamos pescando aqui na barragem aí houve uma agressão da parte do exército com a gente lá. Nós nos reunimos, fomos na Colônia dos pescadores e conseguimos conversar com a estavam fazendo em uma área que não queriam que (a gente) trabalhasse, e a Eletronorte propôs trabalhar com a gente um projeto, o Projeto Ipirá. Na experiência desse projeto Ipirá eu chego à conclusão que ele não foi pra frente por falta de técnico de aquicultura, que nós não tivemos, e foi isso que me inspirou pra eu vir [...] (Rodrigo).

Ao avaliarem a formação recebida no Curso Técnico Integrado em Aquicultura, os participantes ressaltaram os pontos teóricos e práticos do curso e apesar da sinalização quanto à qualidade formativa prestada na instituição, demonstraram desejar mais aulas práticas, porque na visão destes, esta se encontra relacionada ao mercado de trabalho, de maneira que, quanto mais aulas práticas, mais preparo para exercer a função técnica. A fala de Lúcia exemplifica o destaque dado a essa parte do curso:

Na parte teórica, foi maravilhoso, aprendi muito. Vi coisas que nunca tinha visto. Professores excelentes! Conteúdos etc. Na parte prática, aprendi também. Tivemos visitas técnicas excelentes, mas para sermos bons profissionais precisaria de mais práticas. (Lúcia).

Essa visão de que a parte prática é dissociada teoria é comum nos ambientes de Educação Profissional e, de acordo com Moraes, Souza e Costa (2017, p. 113), é importante que alunos e professores compreendam a união entre os pares como um

[...]importante passo para que a formação profissional proporcione conhecimentos técnicos e teóricos, que junto com a análise crítica da realidade, desenvolvem a problematização das relações sociais, políticas e econômicas em que o sujeito trabalhador está inserido, preparando-o para além da ação do fazer profissional, como também uma maior compreensão e transformação das relações no mundo do trabalho.

Por fim, a entrada no Curso Técnico em Aquicultura evidenciou novas perspectivas para os projetos de vida desses estudantes, salientado nas narrativas quando estes passaram a vislumbrar outras formações, novas chances de trabalho e oportunidades de vida. De acordo com Alves e Dayrell (2015) faz parte da dinâmica construção da identidade de cada um, sempre em constante movimento. Além disso, é de nossa natureza alimentarmo-nos desses projetos. Assim, Lúcia, Marcela, Django e Samara esperam para o futuro após o curso:

[...] aprender ainda mais, entrar no mercado de trabalho e fazer curso Superior. (Lúcia)

[...] quero ser aluna do curso superior em Engenharia de Pesca que vai sair, então eu pretendo continuar. (Marcela).

[...] Vou fazer de tudo pra terminar esse curso e fazer na área das Ciências Biológicas, quem sabe dar aula um dia. Já tenho a área do peixe, desses animais semiaquáticos, então vai me ajudar muito. Caiu do céu. Eu nunca planejava fazer um curso técnico, muito menos estudar no Instituto Federal, tem certo peso. (Django).

[...] quero entrar em um curso superior, trocar o meu nome, pois sou transexual, e fazer mais coisas, pois para pessoas iguais a gente é muito difícil conseguir emprego, e sem estudo não vamos conseguir conquistar o nosso espaço no mundo, porque tem gente preconceituosa. É uma conquista. (Samara).

Diante das falas dos estudantes, evidenciamos que a formação profissional provocou impactos distintos em cada um. Os estudantes do Curso Técnico Integrado em Aquicultura explicitaram aquilo que a formação vem promovendo enquanto mudança significativa com o retorno à escolarização, seja em um novo olhar para o mundo, para a sua comunidade, no agir em sala de aula, na expressão de uma realização pessoal quando se perseguia o sonho de terminar o ensino médio ou curso técnico e médio; ou ainda aprimorar os saberes profissionais da área para aqueles estudantes que já atuavam com a pesca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou investigar os sentidos de formação profissional que emergem das Histórias de Vida de 14 estudantes do Curso Técnico Integrado em Aquicultura do Instituto Federal do Pará – *Campus* Tucuruí. Deste, resultaram os sentidos de formação: realização pessoal para os estudantes que sonhavam em estudar no IFPA, ou simplesmente de ter um nome; de realização profissional; ou de aprimoramento profissional para aqueles que já exerciam atividades relacionadas à pesca; novos projetos de vida para os estudantes do PROEJA.

Assim, pudemos inferir que propiciar momentos em que os estudantes do PROEJA, em meio às atividades da formação técnica, pudessem compartilhar suas Histórias de Vida produziu tomadas de consciência sobre sua formação. Nesses momentos, profundas reflexões sobre experiências vivenciadas na infância em zonas rurais e urbanas, as quais constituíram as suas trajetórias de formação emergiram, bem como outras reflexões foram possíveis, como sobre as escolhas na fase compreendida como adolescência e transição à vida adulta, as interrupções nos estudos e a importância do retorno ao curso para a sua vida pessoal e profissional.

Alguns aspectos pontuados durante as escutas e, que geraram reflexões, foram as descobertas de outras aptidões e interesses em áreas específicas e alguns dos estudantes nunca haviam se dedicado a realizar um balanço sobre as aprendizagens e projetos profissionais pós-curso profissionalizante ou pensar em galgar outros patamares educacionais, como um curso superior, uma nova oportunidade de trabalho. Esse fator é relevante para aqueles que têm em seu histórico de vida interrupções por tempo considerável nos estudos.

Das principais contribuições que acreditamos serem significativas para práticas formativas, que considerem as Histórias de Vida na formação profissional dos estudantes do PROEJA, concebemos que:

- Ao criar espaços para as escutas das experiências e Histórias de Vida, deslocamos o professor do centro do ensino-aprendizagem e os estudantes passam a protagonizar a sua própria formação, por meio da conscientização de sua realidade e da construção de sentidos para si.
- É possível a construção e ampliação de debates nos ambientes de formação profissional sobre as juventudes e temas como a permanência e êxito no PROEJA; desigualdade social e a condição juvenil; questões de gênero e a EPT; identidade e formação profissional, entre outros.
- Os momentos dedicados a ouvir as Histórias de Vida produzem aprendizagens relacionais, percebidas na empatia e na escuta para com o outro e são importantes ferramentas para quando esses estudantes estiverem exercendo suas atribuições profissionais.
- A valorização das experiências dos estudantes do PROEJA, por meio do ouvir Histórias de Vida, anima-os a permanecer no curso, auxiliando a vencer barreiras como o cansaço cotidiano das atividades laborais, as dificuldades cognitivas e educacionais, algo relevante, visto que a taxa de evasão nesta modalidade ainda é elevada.

Portanto, para que essas práticas se tornem habituais nos espaços onde ocorre a Educação Profissional, é preciso sensibilizar os professores quanto à necessidade de ouvir esses sujeitos e entendê-los a partir da realidade em que estão inseridos, abandonando práticas concentradas apenas em repasse de conteúdos e adotar o constante diálogo, a fim de entender as reais necessidades educativas na EJA, daí a importância da formação continuada para os professores atuantes na Educação de Jovens e Adultos.⁵

REFERÊNCIAS

aLMEIDA, Márcia Simões. **Da formação do sujeito ao sujeito da formação: saberes e experiências dos jovens e adultos do PROEJA**. 2011. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8944?mode=simple> Acesso em: 12 jul. 2021.

ALVES, Maria Zenaide; DAYREL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 02, p. 375-390, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/zdrYMY7tZzdtfw7sTkPRNTD/abstract/?lang=pt> Acesso em: 12 jul. 2021.

BITTENCOURT, Nadir de Fátima Borges. **Significado da formação e inserção no mundo do trabalho para os jovens do PROEJA**. 2013. Tese (Programa de Pós-graduação em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6916?locale=pt_BR Acesso em: 12 jul. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz Editora, 1979.

DI PIERRO, Maria Clara; HADDAD, Sérgio. Transformações nas políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, maio-ago., 2015.

⁵ Da pesquisa resultou o produto educacional “História de Vida e Formação Profissional no PROEJA: uma proposta formativa”, que pode ser acessado na íntegra nos endereços: http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/?locale=pt_BR e <http://www2.ifam.edu.br/profep/programa/dissertacoes-e-produtos-educacionais>

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. *In*: NÓVOA, Antonio.; FINGER, Matthias (Org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia da pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREITAS, Marta Helena *et. al.* Os sentidos do sentido: uma leitura fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XVIII (2): 144-154, jul-dez, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200004 Acesso em: 10 ago. 2023.

IFPA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. **Projeto Pedagógico de Curso**, 2016.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 90-113.

KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antonio. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Revista Tempo da ciência**, vol. 20, n. 39, 2013. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/9817> Acesso em: 10 abr. 2020.

MORAIS, Jaciaria de Medeiros; SOUZA, Ana Paula; COSTA, Temilson. A relação teoria e prática: investigando as compreensões de professores que atuam na educação profissional. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**. v. 1, n. 12, p. 111-124, maio 2017. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/5720> . Acesso em: 01 mai. 2020.

MOURA, Dante Henrique. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, p. 23-38, 2008. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2863> Acesso em: 19 dez. 2019.

MOURA, Dante Henrique; HENRIQUE, Ana Lucia Sarmento. PROEJA: entre desafios e possibilidades. **HOLOS**, Ano 28, Vol 2. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/914> Acesso em 10 abr. 2020.

OLIVEIRA, Jordane Lima Dias; AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins. Histórias de vida como proposta formativa para alunos do PROEJA do curso de Aquicultura do Campus Tucuruí do IFPA. *In*: Sidinei Cruz Sobrinho, Reginaldo Leandro Plácido. (Org.). **Educação profissional integrada ao ensino médio**. João Pessoa: IFPB, 2020, p. 592-636.

PANTOJA, Ana Lídia Nauar. Ser alguém na vida: uma análise socioantropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 19, ano 15, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/BmP98DccDX8VSmpQGc4Cz/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 19 dez. 2019.

RÊSES, Erlando da Silva; SILVA, Reinouds Lima. Interfaces da integração da educação de jovens e adultos com a educação profissional e o mundo do trabalho. *In*: RÊSES, Erlando da Silva; SALES, Márcia Castilho de; PEREIRA, Maria Luíza Pinho (Org.). **Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores**: Políticas e experiências da integração à educação profissional. São Paulo: Mercado de Letras, 2017, p. 17-29.

SIQUEIRA, André Boccasius. **Alunos do PROEJA**: histórias de estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Campus Sapucaia do Sul. 2010. Tese (Programa de pós-graduação em educação) – Unidade acadêmica de pesquisa e pós-graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2107> Acesso em: 12 jul. 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *In*: **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

TAYLOR, Alice; LAURO, Giovana; SEGUNDO, Márcio; GREENE, Margaret. **Ela vai no meu barco**: casamento na infância e adolescência no Brasil. Resultados de Pesquisa de Método Misto. Rio de Janeiro e Washington DC: Instituto Promundo & Promundo – US, 2015.

Data da submissão: 03/07/2022

Data da aprovação: 20/08/2023